



## “Gritos silenciados”<sup>1</sup>: narrativas sobre gênero e diversidade sexual no ensino e na formação de professoras e professores da cidade do Recife

Suelem Duarte de Barros<sup>2</sup>  
Jaileila de Araújo Menezes<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as narrativas de professoras (es), localizando suas concepções docentes sobre gênero e diversidade sexual através da investigação de aspectos de suas experiências de vida que colaboraram de modo significativo para essas concepções, interessa também saber sobre as repercussões dessas concepções no contexto escolar, assim como analisar como o currículo contribuiu/contribui para o estudo de gênero e sexualidade no ensino e na formação de professoras (es). A pesquisa foi realizada com docentes da rede municipal da cidade do Recife. Para coleta de dados utilizamos a entrevista narrativa. De acordo com as entrevistas que realizamos percebemos que devido às violências sofridas e/ou praticadas por algumas (uns) das (os) sujeitas (os), suas concepções, hoje, são de que gênero são construções socioculturais e que sexualidade vai muito além de questões biologizantes. Mas cabe salientar aqui que essas novas concepções só foram apreendidas por essas/esses docentes pelas violências sofridas/praticadas, como mencionamos, e pela busca de maiores informações sobre o tema, pelas redes de amigas (os) LGBT e pela inserção nos movimentos sociais, tanto nos movimentos feministas, como também nos movimentos LGBT. As (os) entrevistadas (os) afirmaram também que o currículo educacional em nada contribuiu para suas formações docentes.

**Palavras chave:** Gênero. Diversidade sexual. Formação docente.

### INTRODUÇÃO

As variadas formas de expressões da sexualidade humana ainda é um problema presente e constante na sociedade ocidental, principalmente se tratando das identidades de gênero e orientação sexual LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). Ao longo de sua existência as instituições

<sup>1</sup> Trata-se de um livro de Tatiana Dahmer, que procura resgatar o poder dos jovens, analisando como aparece, se revela e se esconde a "onda juvenil" na luta pela afirmação de seu protagonismo histórico. A obra descreve a manifestação da juventude ao longo da história do mundo ocidental.

<sup>2</sup> Concluinte do curso de Pedagogia da UFPE.

<sup>3</sup> Docente do Departamento de Psicologia e Orientações Educacionais do Centro de Educação e da pós-graduação em Psicologia do CFCH da UFPE.

# 18° REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



educacionais (formais e não formais), com os seus currículos ocultos ou não, atribuem valores, normas e crenças para inferiorizar/oprimir/silenciar as identidades LGBT, rotulando-as de estranhas, pecadoras, pervertidas, promíscuas, criminosas, portadoras de alguma doença contagiosa; sempre valorizando a heteronormatividade e o sexismo existente na nossa sociedade, centrados no papel do homem, adulto, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal”. Entendemos que a educação é um importante instrumento para enfrentar situações de preconceito e discriminação, porém o que observamos, mesmo com as transformações que estão acontecendo na sociedade <sup>4</sup> e no campo educacional brasileiro – com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) -, é que os currículos das instituições educacionais, em vez de trabalharem questões relativas aos Direitos Sexuais, reproduzem lógicas perversas de opressão contra as identidades LGBT. O que acarreta professoras (es) <sup>5</sup>, pedagogas (os) despreparadas (os) para atuarem nas instituições educacionais em respeito as prerrogativas dos Direitos Humanos e Direitos Sexuais. Em sua formação, essas (es) sujeitas (os) aprendem a negar ou silenciar seus desejos e na sua docência continuam reproduzindo práticas de uma cultura heteronormativa e sexista, formando assim um ciclo vicioso de ensino-aprendizado pautada em práticas discriminatórias e de exclusão.

Portanto neste trabalho temos o objetivo de analisar as narrativas de professoras e professores da cidade do Recife, localizando suas concepções docentes sobre gênero e diversidade sexual investigando aspectos de suas experiências de vida que colaboraram de modo significativo para essas

<sup>4</sup> As mudanças ocorridas no século XX e XXI são: cirurgia de mudança de sexo pelo Sistema Único de Saúde, direitos aos casais homo afetivos de adotarem crianças, direito as (os) travestis e transexuais de usarem nome social, direito de incluir a companheira ou o companheiro como dependente na declaração do Imposto de Renda, direito a receberem pensão pela morte de seu cônjuge, reconhecimento da união estável, licença-maternidade para mãe ou pai adotivo e o mais recente, o casamento civil para as (os) LGBT.

<sup>5</sup> Neste trabalho vamos utilizar sempre as palavras no feminino, para dar visibilidade a este gênero, uma vez que entendemos que até na língua portuguesa ele está relegado a segundo plano, pois se estabeleceu socialmente que a escrita no masculino é soberana e englobadora, mas no feminino ela é incompleta pela não afirmação do masculino.





permitindo que as lembranças fossem reorganizadas à medida que fatos passados são trazidos para o presente, a fim de serem reinterpretadas, favorecendo ao processo formativo realizado a partir da reflexividade sobre a prática pedagógica. Visto tudo isso, percebemos que a entrevista narrativa contribuiu bastante para nossa investigação, pois nos oportunizaram trabalhar com a dimensão subjetiva das professoras e professores, instigando-os a exporem suas histórias de vida, o que favoreceu a expressão de suas angústias, situações conflituosas, construção de suas aprendizagens sobre os conteúdos de gênero e diversidade sexual, concepções que guiam sua prática pedagógica e características de sua prática docente com relação às temáticas dessa pesquisa. (CUNHA, 2010).

## 1.2 Caracterização dos sujeitos e do campo

Entrevistamos quatro docentes da rede municipal de Recife, que se identificaram como: duas heterossexuais e dois bissexuais. Para fins de análises suas identidades serão mantidas no mais absoluto sigilo, portanto os nomes que iremos citar são fictícios, escolhidos por mim e/ou por elas (es) mesmos. As heterossexuais chamaremos de Rose e Merida<sup>6</sup>; os bissexuais chamaremos de Rudolf<sup>7</sup> e Erton<sup>8</sup>.

As (os) entrevistadas (os) têm entre 27 e 50 anos, com formação em Pedagogia, Letras e Biologia. Algumas (os) são militantes das causas LGBT, outras (os) trabalham também como artista/dançarino. Tempo de trabalho delas (es) variam entre 2 anos a 24 anos de atuação na rede pública de ensino. Suas rendas mensais variam entre 1 a 6 salários mínimos.

<sup>6</sup> Merida, personagem do filme infantil “Valente”, é uma princesa que não quer seguir a tradição da nobreza: não pretende se casar e quer viver livre, cavalgando pelas montanhas da Escócia em busca de aventuras. Pela maneira com essa sujeita narrou sua história de vida, suas concepções sobre gênero e diversidade sexual, muitas semelhanças com essa personagem, por isso escolhi esse codinome.

<sup>7</sup> Nome de um dos mais celebrados bailarinos do século 20 e o primeiro superstar homem do mundo da dança. Escolhi esse nome pelo fato de o entrevistador ter citado a todo o momento que é do meio artístico/dançarino.

<sup>8</sup> Nome escolhido pelo próprio entrevistando e muito bem aceito por mim, uma vez que Erton foi um grande companheiro nosso. Erton, ator e estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE-Campus de Caruaru), que foi assassinado, com aproximadamente 15 facadas, justamente por ser homossexual e não se calar diante da sociedade machista e homofóbica.



## 2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 2.1 Concepções dos docentes sobre gênero e diversidade sexual

Como falamos anteriormente, o estudo sobre gênero e diversidade sexual ainda é muito escasso no campo da educação. O estudo de gênero e da sexualidade não é abordado nas escolas e quando esses conteúdos são trabalhados, predominam perspectivas biologizantes e moralizantes-preventivas com foco na gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis DST/Aids; sendo ministrado comumente por docentes da área de ciências/biologia. Para mudar essa realidade foram criados os PCN's, como citamos anteriormente, para que esses conteúdos fossem trabalhados de maneira transversalizantes, onde exista uma coerência entre conteúdos e questões da vida real, para tal, precisamos de docentes preparadas (os) para lidar com o tema (FAVA, 2008). Como nossas (os) docentes não estão preparadas (os) para isso, acaba reproduzindo concepções sexistas e heteronormativas, adquiridas na maioria das vezes, na mídia, na família e no meio religioso. Abaixo, seguem depoimentos de docentes que não se contentaram com as concepções apreendidas durante sua educação escolar, estes, como afirma Fava (2008) ao destacar algumas propostas de inclusão da Educação Sexual, se deram conta de seu despreparo com relação ao tema transversal e foram em busca de novos conhecimentos, através de leituras, inserção em movimentos sociais (feministas e LGBT), em diálogos com amigas (os).

O que eu tenho como base do espaço escolar, da construção da minha trajetória na escola, na universidade, etc, é aquela concepção de que gênero está atrelado ao sexo e que esse gênero ele tem que responder ao sexo, então se eu tenho pinto eu tenho que ser um homem, se tenho uma vagina eu tenho que ser mulher, então tipo, seu gênero, a sua identidade de gênero vai partir do que você tem no meio das pernas, seu órgão sexual, é uma anatomia sexual que vai definir sua identidade (Professor Erton, 27 anos).

... eu me lembro que a primeira vez que eu fui entender o que era um gay eu tive um choque, eu tive nojo, eu não queria conversar com pessoas que tivessem trejeitos ou pessoas que davam sinal de ser



# 18° REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



do cavalo branco e fosse embora né? Era assim (Professora Merida, 29 anos).

No depoimento acima percebemos de forma bastante compreensível a atuação da mídia e dos contos de fada que são perpassados todos os dias em filmes, telenovelas, livros, etc; desde a educação infantil essas são as representações de gênero e sexualidade que sustentam as práticas cotidianas de todas (os) nós, ensinando-nos a sermos mulheres e homens desde pequenos e a família que devemos formar. A mulher aparece sempre no papel subalternizado, pronta pra casar, cuidar da casa e ter filhas (os), sufocando qualquer outra sexualidade que possa desejar, pois a sua descoberta pode acarretar sua exclusão, e incomodar aqueles que estão a sua volta. Michele Escoura Bueno<sup>9</sup>, em seu estudo sobre imagens de princesas de contos de fadas, afirma que em seus estudos o ser mulher está associado ao casamento e filhas (os). Segundo a mesma autora a felicidade só é alcançada quando a princesa se casa, e ela quase sempre não faz nada para chegar a esse resultado. É sempre passiva, à espera de sua vida mudar (BUENO, 2013).

Segundo Louro, é a voz socialmente aprovada/autorizada que inclui e exclui sujeitos e conhecimentos, deliberando apenas quais as identidades ou os saberes que podem integrar o currículo. Logo percebemos como o professor abaixo tem propriedade de que o currículo é excludente, uma vez que segue o modelo heteronormativo, isso porque alguém se achando superior a outrem firmou essa como uma “maneira correta de se viver”. No depoimento abaixo está exposto como a escola, com esse seu currículo heteronormativo exerce sua função disciplinando os corpos, muitas vezes de maneira sutil, discreta e continua, mas altamente eficiente para os moldes que ele quer criar. (LOURO, 2000)

(...) pra quem fez ele [currículo] tá perfeito! Porque ele tá conseguindo atingir seus objetivos que é formar esses corpos, é reproduzir a heterossexualidade, os padrões e aumentar o preconceito, se você

<sup>9</sup> Antropóloga e cientista social, Mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Ela que fez um estudo antropológico com cerca de 200 crianças, na idade de 5 anos de três escolas (públicas e particulares) do interior de São Paulo, por cerca de quatro meses de convivência.





Segundo ela esse episódio marcou decisivamente em sua busca por mais conhecimento sobre as causas LGBT, vejamos o depoimento:

(...) foi exatamente no momento que eu comecei a criar grupos de amigos... e aí nesse grupo tinha três homossexuais, um era assumido e dois não. Um deles eu me apaixonei, tentei convertê-lo o máximo possível (risos) não consegui e um não falava das questões, não tinha trejeitos, então eu achava que ele não era homossexual (...) e aí esse menino que não era assumido declarou um dia que tinha muito medo que eu descobrisse, porque em algumas falas que eu tinha era de não aceitação e eu fiquei muito triste quando ele disse isso (lágrimas – tanto da entrevistada, quanto minha). Eu fiquei muito triste porque eu disse: o que eu to fazendo? (silêncio e mais lágrimas de ambas<sup>10</sup>) E aí eu me coloquei no lugar dele... (Professora Merida, 29 anos).

Sabemos que atitudes lesbofóbicas, homofóbicas, bifóbicas, transfóbicas marcam distâncias, estigmatizam e atribuem modos de ser e agir, ao mesmo tempo em que sancionam atos que variam do desdém a violência. Isso foi o que aconteceu com algumas (uns) de nossas (os) entrevistadas (os) durante sua escolarização. Seguimos com o depoimento da professora Merida, que afirma muitas vezes, ainda hoje, ter sua sexualidade questionada, pois a todo o momento perguntam se ela é sapatão:

Por que você não usa salto alto? Por que você não usa batom vermelho? Ou por que você não usa uma blusinha mais decotadinha? E eu ficava muito triste... Então quando o homem vira pra você e faz assim: por que você não tá usando isso que legitima sua feminilidade? Eu me sentia afetada... Então eu precisei buscar apoio psicológico pra poder entender isso, e aí eu comecei a investigar meu passado (olhos cheios de lágrimas), e foi que eu comecei a encontrar algumas respostas do porque isso acontecia... (Professora Merida, 29 anos).

O corpo é regulado, marcado cotidianamente, como disse uma/um de nossas (os) entrevistadas (os), as pessoas passam a ser “policiais reguladores dos corpos dos outros”. Segundo Meurer (2009), em seu artigo “A fabricação cultural dos corpos femininos através da mídia”, a todo o momento são veiculados na televisão, em jornais e revistas estereótipos, modos de se vestir e corpos perfeitos, que acabam por impor esses modelos à sociedade, gerando sofrimento psíquico e uma total inadequação com a própria imagem por parte

<sup>10</sup> Entrevistadora e entrevistada.



daquelas que não se enquadram nos padrões de beleza estabelecidos pela mídia (MEURER, 2009). Reforçando essa ideia Pegoraro (2010), utilizando Louro como referencial, afirma que as instituições escolares, que deveriam quebrar com esses valores, acabam por reforçar apenas um modo “adequado e normal” de ser homem e mulher, concebendo a heterossexualidade como natural e universal (PEGORARO, 2010 apud. Louro, 2005). Devido a esses fatores, as (os) alunas (os) que fogem a essa regra passam por violências que são das mais variadas possíveis, simbólicas, verbais e até mesmo físicas, é o que observamos nos depoimentos a seguir:

Eu lembro de mim, que eu tava na escola na 8° série e eu sempre gostei de carregar o caderno assim (fez indicação com os braços apontando um modo de segurar os cadernos como uma mulher, segundo os padrões heteronormativos), e sempre era chacoalhado por carregar o caderno assim, porque quem carrega o caderno no peito é menina, menino carrega o caderno assim (indicou o padrão masculino de carregar o caderno)... as pessoas vinham regular meu corpo, todas as crianças, isso não é jeito, e eu ao continuar, claro que não me sentia bem, claro que isso me fazia mal né? Muito mal! Por dentro eu tava uma merda! O fato de eu continuar gerava muito mais violência, gerava muito mais agressão física, agressão verbal e apelidos e tal (Professor Erton, 27 anos).

(...) eu lembro que eu levei cuspidada até no meu rosto em sala de aula porque é, eu sempre fui muito molinho (...) eu sempre ficava próximo das meninas do que dos meninos, então assim minhas brincadeiras eram mais voltadas pra ficar com as meninas, então assim foi uma coisa que foi forte pra mim sabe? Porque você ser cuspidado no rosto por nada, simplesmente porque você é... não fazer parte de determinado grupo né? Então isso foi algo que me marcou muito... (Professor Rudolf, 30 anos).

Através dos depoimentos acima, percebemos como a escola atua na educação dos corpos das nossas alunas (os), sem respeitar a diversidade de jovens que nela estão inseridos. A heterogeneidade dos corpos está cada vez mais ausente do currículo escolar, “ignora-se o corpo negro, o corpo homossexual, o corpo tatuado, não se discute os tantos outros corpos que estão na escola” (PEGORARO, 2010, p. 38).

### *2.3 Como o currículo contribui para o estudo de gênero e diversidade sexual*





# 18° REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contribuirá como fonte de pesquisa para docentes em formação e já formados, dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas diversas para que estes possam refletir sobre formação de professoras e professores a respeito das relações de gênero e diversidade sexual, assim como para qualquer pessoa interessada no assunto.

Sabemos como as questões das sexualidades humanas são consideradas tabus para a sociedade, seja no campo familiar, religioso, midiático ou educacional, a diversidade sexual e as relações de gênero não são esmiuçadas em seus múltiplos aspectos, eternizando práticas excludentes e discriminatórias que naturalizam uma determinada forma de exercício dos desejos e criminalizam qualquer outra forma de manifestação, através da utilização de diversos mecanismos de violência – verbal, física, emocional. Este texto teve como base a quebra do silêncio e a problematização das ofensas/afrentas/insultos ligados à questão de gênero e diversidade sexual. A inserção desta discussão foi essencial para o reconhecimento das diversas identidades no espaço escolar e acadêmico, assim como levantou a consciência sobre a necessidade da realização de uma prática profissional docente que contribua para a veiculação dos ideais dos direitos humanos em interface com os direitos sexuais, garantindo o acesso e permanência de todas e todos à educação através do respeito à diversidade.

Ao longo das entrevistas que realizamos pudemos perceber como foi arcaica e conservadora as concepções sobre gênero e diversidade sexual que permearam a educação das (os) nossas (os) entrevistadas (os), uma vez que nos depoimentos delas (es) estão presentes cenas de violências, tanto praticadas, como sofridas. Percebemos também como a mídia e a religião (mais marcante a cristã) são importantes ferramentas, formadoras de ideologias com seus discursos e práticas de poder, trabalhando a regulação dos corpos, o modelo de família que devemos formar, reproduzindo

# 18° REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



preconceitos e discriminações a determinados grupos que não correspondem à norma padrão estabelecida por esses veículos de informação.

Ao longo de sua formação, três, das (os) quatro entrevistadas (os), ressignificaram suas concepções, isso através da inserção nos movimentos sociais (feministas e LGBT), na construção de redes de amigas (os), na busca de novos conhecimentos em leituras diversas. Tais atitudes levaram as (os) docentes entrevistadas (os) a manterem uma consciência coletiva diante dos temas em questão, passando então a rever seus conceitos sobre gênero e diversidade sexual. Além do mais, dois, das (os) quatro docentes entrevistadas (os) se declararam como bissexuais, o que nos levar a considerar que suas concepções foram advindas do seu próprio histórico de exclusão e opressão durante sua educação escolar, o que os tornou mais críticos/reflexivos diante da imposição de uma regra ao qual eles não pertenciam/não seguiam.

Três das (os) quatro docentes afirmaram também que o currículo em nada contribuiu para suas formações docentes, mas isso também ficou claro durante as narrativas dessas pessoas ao longo de suas vidas escolar, pois muitas (os) delas (es) não se perceberam como “iguais” as (os) outras (os) estudantes, justamente pelas práticas e discursos utilizados pela sociedade ser cheios de autoridades e machismos, impregnados de preconceitos e práticas discriminatórias para aquelas (es) que não correspondem socialmente a determinado gênero o qual seu sexo biológico foi designado. As instituições educacionais no lugar de trabalhar essas questões em sala de aula se omitem, ou mesmo reproduzem essas atitudes, formando em grande parte das (os) alunadas (os) ideologias sexistas e lesbofóbicas, homofóbicas, bifóbicas e transfóbicas.



## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Estudos Feministas, 2001. IN: [www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)

ANDRADE, Luma Nogueira. **Travestis na escola: Assujeitamento ou resistência à ordem normativa**. Tese de doutorado, 2012.

BAUER, Martin, W.; GASKELL, George (Editores) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BUENO, Escoura. **Contos de fada perpetuam preconceito**. IN: [http://tribunadoplanalto.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16211:contos-de-fada-perpetuam-preconceito&catid=60:escola&Itemid=8](http://tribunadoplanalto.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16211:contos-de-fada-perpetuam-preconceito&catid=60:escola&Itemid=8)

CUNHA, Lidenora de Araújo. **A pesquisa narrativa no contexto da formação docente**. IN: [http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT\\_01\\_08.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_08.pdf)

DAHMER, Tatiana. **Gritos Silenciados, Mas Evidentes**. Loyola, 2003.

FAVA, Carolina Andaló. **Sexualidade como tema transversal nas escolas: da teoria à prática**. Gênero e pesquisa em psicologia social, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e Homofobia. Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2000.

# 18° REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas**



MEURER, Bruna. **A fabricação cultural dos corpos femininos através da mídia.** Salvador, BA, 2009.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PEGORARO, Seris de Oliveira Matos. **A ditadura do corpo perfeito: um estudo das representações sociais sobre corpo a partir de uma oficina pedagógica.** Revista Didática Sistemica, Volume 12, 2010.

REIDEL. Marina. **A pedagogia do salto alto – Histórias de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira.** Dissertação de Mestrado, 2013.

ROSENEIL, Sasha. **Viver e amar para lá da heteronorma: Uma análise queer das relações pessoais no século XXI.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 2006.

SEFFNER, Fernando. **Equívocos e Armadilhas na Articulação entre diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar.** Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política.** Petrópolis: Vozes, 1996.

SIQUEIRA, Wiliam Peres. **Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira.** Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

<http://www.doistercos.com.br/ggb-divulga-numero-de-assassinatos-de-gay-no-ano-de-2012/>

